

REFLEXÃO SOBRE A CULTURA MUSICAL NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA

Antenor Carlo Pantoja **TRINDADE**

Flávia Suzane Góes **MARTINS**

Joseane Dias **ABREU**

Luciane Gonçalves **FERREIRA**

Discentes de graduação da UFPA

João Rosemildo da Silva **RODRIGUES**

Graduado em Letras pela UFPA

Resumo: *Este artigo faz parte do Projeto Memória Musical¹ e tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a cultura musical no município de Abaetetuba² através da oralidade e de dados bibliográficos. Queremos mostrar um pouco da trajetória musical no município, como vem se desenvolvendo e as influências que sofreu ao longo da história.*

Considerações Iniciais

A cultura musical no município de Abaetetuba é uma atividade rica e diversificada, porém pouco conhecida.³ Por isso, a nossa preocupação a priori é de registrar e reconhecer, do prisma sociocultural, as várias manifestações e estilos musicais abaetetubenses, sobretudo no seu meio popular e, posteriormente, formar um banco de dados orais para que alunos, professores e demais interessados possam pesquisar, exatamente o porquê de a música abaetetubense ainda não galgou um lugar privilegiado na esfera sócio-cultural. Por isso, no início do trabalho de pesquisa encontramos dificuldades, entre elas a carência de material bibliográfico sobre a trajetória musical. Contudo, há uma grande diversidade de fontes históricas orais aptas a contribuir com o projeto memória musical. Aos poucos fomos direcionando os trabalhos: primeiro, organizamos o grupo em dois subgrupos: um para fazer

¹ O Projeto Memória Musical é um sub-projeto do Núcleo de Pesquisa e tem o objetivo de registrar a memória da Região do Baixo Tocantins. Nesta Primeira etapa, abordaremos apenas a memória musical em Abaetetuba.

² Município da Região do Baixo Tocantins, Estado do Pará, com cerca de 119.072 habitantes.

³ A cultura musical no município ainda é pouco conhecida devido a falta de mais eventos que a promovam a nível local, regional e até nacional.

levantamento bibliográfico e outro para as entrevistas. Logo, a memória seria uma forma de tornar viva uma atividade tão presente e marcante que, ao longo dos anos, foi se perdendo por falta de incentivo das autoridades locais⁴ ou mesmo pelo interesse de pessoas em aprender a profissão⁵. O fato de essa arte não ser profissionalizada nem suficientemente incentivada tanto a nível nacional, quanto a nível local, deve-se “a simples ausência de iniciativa de ordem material que a acompanhem” (FRANÇA, 1972 p. 57). Mas não é apenas o problema de ordem material como “os espaços destinados à prática da música – teatros e auditórios” (FRANÇA, *ibidem* p. 57). Há também a falta de incentivo de ordem financeira, pois só assim poderíamos profissionalizar nossos músicos e reencontrar o folclore, as manifestações populares, incluindo a música em que fomos e ainda somos tão ricos. Para o Sr Luís Barros Serrão⁶, a música era mais um divertimento, pois segundo ele “naquela época ninguém dava valor pra essas coisas, a gente fazia por brincadeira” e hoje a música em Abaetetuba continua merecendo a mesma atenção daquela época segundo relatos de Seu Luís quando a música não é profissão, mas sim dedicação e amor. Ele fala que:

fazer profissão na música aqui na nossa cidade, a gente faz aqui por amor a música, a gente tem amor nela, eu gosto demais de tocar, eu gosto demais da música, faço isso porque eu gosto, não é porque é bonita, mais ninguém conte: eu vou aprender a música pra fazer, pra ter uma profissão aqui em nossa cidade

Nesse relato, podemos perceber, que pelo fato da música não ser uma atividade profissionalizada, esta acabou se tornando quase que um passatempo para os músicos. Talvez por isso, e pela falta de incentivos financeiros, muitas de nossas manifestações musicais foram

⁴ Foi só a partir da Semana de Arte e Folclore de Abaetetuba que se começou a olhar com mais carinho para arte musical. Desde 2004, se realiza no município o Miritifest que é uma das formas de se incentivar a produção da cultura local e também musical. Porém, somente essas ações não são suficientes.

⁵ LOBATO (1992) afirma que pela falta de acompanhamento dos governantes em relação a produção musical local e das próprias famílias dos músicos que não desejavam mais ver seus filhos seguindo essa profissão, “devido não ter futuro”, isto é, não se apresentava como um meio de vida para a sua sobrevivência, o aprendizado musical foi sendo estigmatizado na sociedade.

⁶ Entrevista realizada no dia 30/11/2005.

se perdendo. Este artigo apresenta aspectos históricos, culturais e religiosos, assim como a diversidade dos estilos existentes na música abacetubense e a trajetória do ofício dos músicos.

1. Aspectos históricos e culturais

Muito da história do nosso município pode ser contada através da música e suas tradições. Para NAPOLITANO (2002, p.7) “a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais”. No município de Abaetetuba não é diferente; utilizamos a música para refletir aspectos de nossa cultura e expressar nossos sonhos, desejos e frustrações. Mas a musicalidade em geral, além de divulgar idéias, ajuda a “pensar a sociedade e a história” (NAPOLITANO, 2002). Ao longo dos tempos, muitos músicos ilustres, como o maestro Cardinal⁷, passaram por aqui e deixaram importantes contribuições. Muitas estão apenas na memória⁸ e poucas registradas como em um pequeno acervo.

As bandas de música receberam forte influência das Irmandades Cecilianas⁹ do Séc. XVIII que “é a mais antiga e a menos estudada instituição ligada à divulgação e criação de música popular” (GONZAGA *apud* VICENTE SALES¹⁰). Podemos dizer que não há uma data precisa de quando se começou a praticar a arte musical propriamente dita no município. O registro que se tem é de que a primeira banda a surgir no município foi por volta de 1880: a chamada banda “Carlos Gomes”¹¹, que teve como fundador Hermínio Pauxis, e como primeiro maestro Raimundo Pauxis. A banda é uma das mais antigas e com grande prestígio. Acompanhava todas as festas importantes da cidade, tanto as religiosas como as cívicas. Além da banda “Carlos Gomes”, outra que surgiu logo depois e que causou um certo atrito¹² na cidade foi a banda

⁷ Galdino Cardinal da Costa, nasceu em Abaetetuba em 18 de abril de 1928, tocava clarinete na Banda Carlos Gomes e foi professor de música da Fundação Cultural de Abaetetuba.

⁸ Segundo Von Simson (2004, p.11), “memória é a capacidade de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.)”.

⁹ Associação, à qual os músicos geralmente se filiavam, mantendo forte vínculo com as instituições religiosas.

¹⁰ O Liberal. Belém. Estado do Pará. 14/10/1991.

¹¹ Cf. LOBATO (1992) uma das incentivadoras e motivadoras do surgimento de outra banda, e também do desenvolvimento e reconhecimento artístico abacetubense a nível nacional.

¹² Atrito motivado pela superposição de interesses religiosos e econômicos.

Virgem da Conceição, nome dado, segundo os relatos da época, apenas para agradar a igreja local e ganhar prestígio com esta, já que é o nome da padroeira da cidade. A banda "Virgem da Conceição" surgiu de uma briga entre o maestro da "Carlos Gomes" e o dono da banda. O primeiro decidiu sair da "Carlos Gomes", levando consigo alguns músicos, formando assim a "Virgem da Conceição".

Desde então, a cidade começou a ver uma espécie de concorrência musical entre as duas bandas. A maior diversão do público era ir para a praça matriz na semana da festa da padroeira ver as bandas se apresentarem, uma em cada coreto da praça, costume que observamos no município até hoje, porém não com a mesma intensidade de antes. Os músicos de hoje fazem questão de preservar suas atividades e ensinar quem se interessa por algum instrumento e quiser tocá-lo na banda, assim como faziam os seus antepassados.

Além das bandas, podemos destacar ainda os seus ilustres maestros. Um deles foi Raimundo Nominando de Carvalho, ou mestre Damião, como era conhecido. Segundo SERRAT (1990), Damião era filho de escravos e graças a um "padrinho branco", teve oportunidade de estudar as letras. Damião nunca teve oportunidade de estudar música, mas tornou-se um músico de primeira grandeza. Tocava inúmeros instrumentos e teve vários alunos, muitos destes o sucederam na maestria da banda. Mestre Damião compôs várias músicas, mas não se tem registro de nenhuma delas e infelizmente ele nunca foi reconhecido, e a única maneira de saber um pouco de sua história é através de seus antepassados.

Não só a história desse mestre ficou no esquecimento, mas a de muitos outros, por não haver uma preocupação em se preservar a cultura musical local. Ainda mais nos dias de hoje, quando vivemos numa sociedade onde tudo é descartável, segundo VON SIMSON (2004). Vivemos em uma sociedade na qual os profissionais da informação chamam de "sociedade do esquecimento" na qual as pessoas absorvem uma grande diversidade de informações de forma acrítica. Os meios de comunicação contribuem para o processo de aculturação da sociedade em geral como nos mostra CAPARELLI (1986 p. 83).

O rádio e o jornal, por certo, incumbiram-se junto com o sistema informal de comunicação, de levar ao conhecimento dessas pessoas incorporadas ao sistema de consumo os produtos que eram postos no mercado. De um lado, fizeram com que

as massas urbanas conhecessem novos produtos e, do outro lado, alargaram o seu consumo

No entanto, queremos retomar aqui uma outra dimensão¹³, abordando os aspectos positivos do quanto podemos fazer como pesquisadores no registro da memória musical e “usar” esses meios de comunicação como aliados, principalmente quando estabelecemos uma relação de parceria na divulgação da cultura local, trazendo para as discussões os músicos, comunicadores, jornalistas e todos aqueles que trabalham diretamente com a mídia como forma de preservarmos a nossa identidade local.

O que percebemos hoje é que, uns anos atrás, havia toda uma tradição em relação às festas que aconteciam nos clubes. Eram festas muito prestigiadas pela sociedade local e que tinham como atração os grupos musicais que tocavam diferentes ritmos. As festas de carnaval são aquelas de que temos mais saudade. Geralmente elas aconteciam nas sedes sociais ao som das marchinhas, tocadas pelos grupos musicais que existiam. Todos iam com uma única intenção: diversão, mas do que se sente mais saudade, é das músicas que tocavam. E foi na época dos gloriosos carnavais, mais ou menos entre as décadas de 50 e 70, que tivemos grupos musicais de muito prestígio e uma explosão de estilos.

2. Aspectos religiosos

A religiosidade sempre esteve presente na cultura do município. Isso se reflete nas atividades dos músicos abaetetubenses que acabam carregando essa herança por toda a vida, pois como afirma (COSTA, 2003, p. 20), “estes músicos conservam em sua vida uma memória de composições que marcaram uma época de formação”. Ou seja, essa memória das canções é proveniente da escola por meio das brincadeiras de crianças ensinadas pelos professores.

Essa religiosidade é reproduzida via tradição oral, de pais para filhos através de uma grande troca de experiências da fé alicerçada na devoção. Era contagiante ver chegar a festa de Nossa Senhora da Conceição, tal como acontece hoje, no Círio de Nazaré em Belém. A família toda

¹³ Como pesquisadores precisamos ter o cuidado para não elaborarmos uma visão etnocêntrica dos problemas mas contextualizar em uma dimensão no qual os pontos negativos e positivos possam ser revisados.

reunida e a ansiedade desses músicos em ver chegar aquele momento em que eles se preparavam tanto para apreciar a imagem passar ou para executar o hino da Virgem que tanta emoção provoca sobre nossos corações.

Os músicos abacetubenses trazem consigo um imaginário religioso riquíssimo que não pode ser despojado, nem esquecido: mas incentivado. Esta herança pode advir, por vezes, da própria Igreja como instituição através de métodos catequizadores adquiridos pelos pais e/ou por via popular como as manifestações religiosas: ladainhas, novenas, procissões e círios. Como exemplo disso, podemos citar a participação dos músicos na Banda “Carlos Gomes” e posteriormente na Banda “Nossa Senhora da Conceição”. Estes se reuniam para tocar os hinos do Círio nos coretos da Praça Matriz. Também vemos essa participação se expandindo para os interiores do município, como na Festa de São Miguel de Beja¹⁴. Segundo Seu Laurinho¹⁵:

Era naquele tempo, era muito bonito, ia música daqui tucá a Festa de São Miguel, ia as cantora daqui pra canta no coro, a ladainha era rezada, a cantora tocavam lá em cima, a música de instrumento, era muito bonito uma ladainha de São Miguel

Esses músicos não tocavam só para eventos religiosos; tocavam também em outros eventos de caráter profano. O que importava mesmo era o momento de fé, reunião e confraternização das pessoas, tornando esse encontro um compromisso, pois essa relação entre elementos sagrado e profano estava inserido no imaginário religioso dessas pessoas que, atraídas pela fé, se sentiam alegres e felizes. Isso pode ser visto segundo COSTA (2003) na fala do Sr. Adamor Aires de Lima¹⁶:

... a gente faz a devoção né! Caminhar no círio é uma devoção também né. O cara tá participando para alcançar uma graça também, né! As caminhadas Eu tenho me sentido bem na parte de tocar, tanto pra procissão quanto pra outros eventos né, a gente toca satisfeito mesmo que ganhe pouco, mas a

¹⁴ Festa religiosa que se realiza na Vila de Beja, Distrito de Abacetuba, e tem início no dia 29 de janeiro.

¹⁵ Entrevista realizada no dia 10/11/2004.

¹⁶ Entrevista com o Sr. Adamor Aires de Lima (outubro de 2003).

gente faz o trabalho e não leva mal, é profissão, então tem que assumir até um dia.

Nesse sentido, podemos entender a música como um processo de unidade social, não importando o fim, nem a ocasião em que ela vai ser tocada, nem tampouco a formação escolar do músico.

3. Diferentes estilos

Abaetetuba é uma cidade cercada por uma infinidade de grupos musicais nos mais variados estilos, desde as bandas até os jazzes. Apresentaremos a seguir alguns dos estilos que mais se destacaram no município.

Um dos estilos dessa época eram os Jazzes, que tiveram grande influência do Jazz¹⁷. Devido à linguagem peculiar do município se tornaram Jazzes.

Muitos grupos de jazzes surgiram, como o Jazz Brasil, o Jazz Tupi, Jazz do Manivela, Jazz União e muitos outros. Eles costumavam se apresentar em festa na cidade e no interior. Não havia uma só festa na cidade em que os jazzes¹⁸ não estivessem presentes. Eles eram muito prestigiados pela sociedade, pois tinham um grande respeito pelos músicos. Caracterizavam-se por executarem as mais diversas canções de forma orquestrada. Havia também outros grupos musicais além dos jazzes, como as orquestras que eram como uma banda, com um número maior de integrantes para as apresentações. Outro grupo era O Piçarra¹⁹, formado pelos trabalhadores do DER (Departamento de Estradas e Rodagens). Tudo começou como brincadeira, mas o sucesso foi tão grande que eles passaram a se apresentar em festas na cidade. A música não era profissão e sim distração, pois todos tinham o seu trabalho e não podiam viver apenas da música. Outros grupos se

¹⁷ Segundo relatos de alguns músicos o nome jazz pode ter relação com o jazz norte-americano. Aqui se tornou jazzes pela linguagem peculiar local, acrescentando-se sufixo es.

¹⁸ Cf. (GONZAGA, *op. cit.*, p. 2) "As orquestras e os jazzes, foram outras formas de manifestações culturais, que apareceram na cidade, que podem ser caracterizados, como uma ramificação das bandas." Enquanto a banda precisava de um número significativo de integrantes, o jazz se restringiam a poucos integrantes devido a forma de canções que eram tocadas.

¹⁹ Segundo o seu Lacerda, um dos protagonistas dos grupos de serestas em Abaetetuba, o Piçarra foi um dos primeiros grupos a surgir, sendo o iniciador da música ao vivo em Abaeté.

destacaram como o Luar de Abaeté²⁰, Os Coroas²¹ e Os Versatios²². Não podemos deixar de mencionar as folias²³, uma das representantes da tradição popular juntamente com a religiosidade. Havia as ladainhas que eram acompanhadas pelos grupos de folia, ou por músicos que dominavam instrumentos de sopro. Posteriormente surgiu “Os Muiraquitãs”. Este grupo chegou a gravar vários discos e diferente do Piçarra. A música era profissão e o principal meio de sustento de seus integrantes. O grupo se apresentava por toda a região chegando a fazer mais de dois shows por noite. Mas, devido a um acidente automobilístico que resultou na morte de dois integrantes do grupo, os “Muiraquitãs” aos poucos foi se acabando. Os músicos tentaram a carreira solo, mas não obtiveram muito sucesso.

O cenário musical em Abaetetuba passa a modificar-se, a partir da primeira Semana de Arte e Folclore²⁴, que tinha como uma das atrações o concurso de calouros. Esse concurso revelou artistas importantes e enfatizou um estilo até então pouco conhecido por aqui: voz e violão. Tivemos inúmeras revelações de compositores que fazem sucesso até hoje e têm suas composições conhecidas por toda a região do Baixo Tocantins. São composições que falam de coisas da terra, como miriti, açai, problemas sociais que abalam o município, a fauna e a flora.

314

Mas não foi só esse estilo que a semana de arte revelou. Com ela, veio uma explosão de grupos geralmente formados por um vocalista, um tecladista e dois bailarinos que são os chamados esquemas. Tocam os mais variados estilos musicais desde o brega ao forró e são prestigiados pela maioria da população por tocarem ritmos dançantes. Suas letras tratam do cotidiano, geralmente falam de amor, traição. Mas recentemente esses grupos incorporaram outros ritmos que não são nossos como o forró e “axé-music” ou qualquer outro ritmo que esteja na moda. Esses grupos são os principais responsáveis pela animação das festas de hoje, mas estão perdendo espaço para um outro tipo de atração, que são os Djs. Estes costumam tocar de tudo, principalmente, a música eletrônica que, segundo GRIFFITHS (1987), não é o tipo de música mais tocada, nem mais popular nos países

²⁰ Formado para a apresentação do Projeto Praça Aberta, no CENTUR.

²¹ Grupo de seresta fundado por Luis Serrão.

²² Fundado em 1978, pelo senhor Teodolino Correia Maués.

²³ Durante os últimos anos, essa festa esteve esquecida. Foi somente durante este ano é que ela foi retomada com o apoio do poder público, através da Fundação Cultural Abaetetubense.

²⁴ A primeira Semana de Arte e Folclore em Abaetetuba teve início em 1981.

No fundo, sentimos que não conseguimos escapar ao círculo da epistemologia. Impõe-se, então, o olhar antropológico da filosofia, diverso, obviamente, das perspectivas das antropologias cultural, biológica e social, elas mesmas sujeitas, também, aos cânones da conceptualização científica, isto é, a paradigmas de referência que, sejam eles quais forem, introduzem sempre uma lógica de apropriação da realidade que escapa aos desígnios mais pragmáticos da prática. Na verdade, o próprio *saber pedagógico* tem-se vindo a revelar mais como uma frente avançada das ciências da educação – sendo, inclusive, por estas delimitado quanto à pretensa singularidade do seu estatuto, metodologia e objecto – do que como uma área de intervenção autónoma. Repare-se, por exemplo, na reiteração que aqui é feita da interdisciplinaridade que, prosseguindo, no fundo, o esquema de uma disciplinaridade primeira e usando a força de um reconhecimento generalizado, não chega a conceder espaço, sob o manto da inter e até da transdisciplinaridade, ao labor característico da transversalidade dos saberes que, ressaltando genealógicamente da intervenção prática, não pode ser distorcido pela problematização prévia oriunda dos encontros disciplinares, isolados ou integrados.

Entretanto, como já vimos, não é de igual modo suficiente uma actividade reflectida a partir da prática que, em última análise, tenderá para um círculo vicioso e autolegisador.

Ora, a filosofia da educação, pelo uso da *função utópica* enquanto exercício criativo, crítico e contínuo do esforço de descentração relativamente ao real científico e prático, detém um enorme potencial de sustentação e renovação da própria actividade utópica da educação enquanto esta não é meramente prescritiva de normas e de valores, mas também enunciativa de ideais que desafiem o conformismo. A fronteira (móvel) entre a actividade prescritiva e a enunciativa divide – na sua complementaridade – as fundamentações sociológica e filosófica da educação. A destruição deste equilíbrio dinâmico abre caminho ao delineamento de utopias ideológicas que intervêm, conforme as circunstâncias, numa ou noutra das frentes descritas mas, em cada uma das vezes, em nome da outra. Desta confusão decorre a rejeição grosseira do papel das utopias na educação, sendo invocado, para o efeito, o dogmatismo de que se encontrariam à partida imbuídas. Cai-se, então, com alguma frequência, na demagogia do espontaneísmo libertário, negando-se a riqueza da antinomia que alimenta a dupla função integradora e libertadora da educação.

A problemática dos direitos humanos e de uma educação para a contemporaneidade servir-nos-á para ilustrar, num terreno que é antropológicamente decisivo, a importância, para a educação, da salvaguarda e promoção do estatuto e papel das utopias filosóficas.

que queremos propagar. É bom quando encontramos uma música que se identifica com nosso estado de espírito, que expresse aquilo que gostaríamos de dizer ou sentir. Através da letra, da harmonia, da melodia, do ritmo, esta reflete aspectos culturais da realidade vivida. O artista através de sua nobre arte é capaz de retratar tanto a beleza, a alegria, os belos sentimentos, quanto sua insatisfação perante as situações que o circundam.

Na década de 50, tocavam-se freqüentemente as chamadas modinhas, que eram pequenas músicas tocadas nos bailes para dançar. Como afirma seu Laurinho²⁵ lembrando desta:

*Amor perdido, quem és tu que procuro a te ver como um
louco a correr neste mundo sem fim? Amor perdido, fuste
embora levando pra fora a felicidade que morava em mim.
Mas não faz mal, a tua vez vai chegar e de vez, planto por
planto tu há de chorar, dores por dores tu há de sofrer.*

A música abaetetubense atualmente, mostra suas múltiplas facetas, atende aos mais variados gostos e estilos, agradando a todos e a todas. Quando se trata de contar histórias, falar dos elementos típicos da região, a música abaetetubense é o principal instrumento de expressão artística que relata a vida interiorana, o modo de viver ribeirinho, além de ser uma maneira de denunciar as incoerências que o 'homem da cidade' vem trazendo consigo. O compositor Adenaldo Cardoso insiste na questão sócio-ambiental por meio de suas letras bastante críticas e preocupadas com cultura abaetetubense:

*A nossa fama está na cachaça, mas não tem graça ter que
importar, falta incentivo, nó na desgraça, engenhos mortos,
sonhos no ar.*

*Entende que nós entendemos que a tia matinta não morreu
num bar.*

*Sabemos que o passarinho só perdeu seu ninho porque não
quis lutar.*

*(trecho da canção Encantos e Desencantos,
de Adenaldo Cardoso)*

²⁵ Idem.

As canções abaetetubenses, como não poderia deixar de ser, falam de diversos temas como mulheres, amor, saudade, desilusão, entre outros, de uma maneira tão própria e específica que o ouvinte se contagia com o fervoroso sentimentalismo, que nunca deixa de lado as expressões usadas pelo ribeirinho local. É o que observamos em um trecho da canção *Coisas de Várzea*, de Adenaldo Cardoso:

*Na tabatinga a ilusão
Lambuzei meu coração
Viajei feito aninga
No remanso do teu rio...*

Abaetetuba é um município rico em personalidades artísticas, principalmente no âmbito que abrange o ramo musical. Apesar disso, seus músicos não se definem por essa nomenclatura, é o que afirma Seu Luís:

Eu não sou músico, eu não me considero músico, eu me considero um artista nato, porque eu muito pouco leio de música, eu só conheço cabeça de nota, na minha clave, mas eu toco diversos instrumentos...

MORAES (1983) nos diz que o músico não é somente aquele que faz leitura de uma representação gráfica em partitura, mas também o indivíduo que, com o auxílio ou não de um instrumento, consegue interpretar uma obra alheia. E é com essa visão que denominamos de músicos esses artistas abaetetubenses, que, por amor à música, superam os obstáculos como a falta de incentivo tendo como consequência a falta de valorização dos artistas locais.

Considerações Finais

Concluimos reafirmando a nossa posição sobre a reflexão acerca da cultura musical de Abaetetuba, mostrando a sua trajetória, a história de alguns de seus músicos, os diferentes estilos até os dias de hoje. Mostramos que durante muito tempo tivemos uma musicalidade voltada para os elementos culturais do próprio município, à qual a população se identificava numa perspectiva bem regional, tornando a cultura popular muito apreciada, diferente de hoje quando temos uma

cultura de massa influenciada pelos mercados sonoros, principalmente no que diz respeito à música. Através de vários relatos pudemos perceber a necessidade do registro da cultura local a exemplo das fontes históricas orais e bibliografias, como também tornar público a identidade dos artistas como referência desse período histórico. Sendo assim, percebemos a necessidade de conscientização da população, principalmente dos mais jovens, em valorizarmos a arte musical abacetubense, como um elemento fundamental de nossa cultura, já que hoje, com tantas opções musicais, cultivar a arte musical local “parece ter perdido o seu encanto” (PONICK, 2002, p. 23). Porém, evidenciamos que por mais que vivamos num mundo globalizado²⁶ e informatizado, há ainda possibilidades de se implementar iniciativas, como é o caso do Projeto Memória Musical²⁷, para que não percamos um dos únicos bens que restou: a memória

BIBLIOGRAFIA

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa em massa*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1986(novas buscas em comunicação V 10).

COSTA, Antônio Braga da . *O Imaginário Religioso na musicalidade dos Artistas de Abaetetuba (1930-1955)*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Belém: 2003.

FRANÇA, Eurico Nogueira. *Matéria de Música*. 2ª edição. Brasília: Editora de Brasília-EBRASA, 1972.

GRIFFITS, Paul. *A música Moderna- uma história concisa e ilustrada de Debussy a Boulez*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LOBATO, Luiz Gonzaga Maciel. *A Evolução Musical de Abaetetuba desde o ano de 1880*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Abaetetuba: 1992.

MORAES, J. Jota de. *O que é Música*. 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

²⁶ Ver Tempos pós-modernos de Fernando Margalhães.

²⁷ Esse é o nosso grande desafio, ou seja, preservar através da memória toda essa tradição musical que pouco foi registrada.

BRAGA, Elisabeth dos Santos. Esquecer, lembrar e ser. In: *Educação, memória, história: possibilidades & leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LAGRANHA, João. A mídia e seu lixo sonoro. *Mundo Jovem*. Porto Alegre: Editora da PUCRS. Ano XL, nº 327, Junho de 2002.

MACHADO, Jorge (org.). *O município de Abaetetuba. Geografia Física e dados estatísticos*. Abaetetuba, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. *História e música – História cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PONICK, Edson. Retrato Cantado. *Mundo Jovem*. Porto Alegre. Ano XL, nº 329, Agosto de 2002.

SERRAT, Maria do Monte. *Verdades, atos e fatos ainda não ditos*. Belém: Editora Arajá, 1990.

SILVA, Elizete Macedo da. *A canção abaetetubense como defesa dos valores culturais da região*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Abaetetuba:UFPA, 2004.

SIMSON, Olga Von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. *Margens / revista interdisciplinar do Núcleo de pesquisa – Abaetetuba*: Vº I, 2004, p. 11-16.